

UMA ABORDAGEM MODULAR E INTERACIONISTA DA ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Janice Helena Chaves Marinho*

RESUMO: *Este artigo apresenta o modelo modular de análise do discurso, no estágio em que se encontra atualmente, visando difundir essa abordagem da organização do discurso no Brasil. Trata-se de um eficaz instrumento de análise, que articula estreitamente os planos lingüístico, textual e situacional, de forma transversal e não-reducionista.*

PALAVRAS-CHAVE: *análise do discurso, modularidade, interação, organização discursiva*

Introdução

A Análise do Discurso é um imenso campo com diferentes pontos de vista teóricos e metodológicos. É um campo em que há espaço para várias hipóteses, como afirma Charaudeau (1996:4), "sem que qualquer uma delas se possa pretender superior às demais". Entre as teorias da Análise do Discurso existe um modelo de análise, o qual venho apresentar neste artigo, que consiste num interessante e eficaz instrumento para uma abordagem interacionista da complexidade discursiva, por permitir a composição de um quadro descritivo e também explicativo acerca dos diferentes aspectos da constituição do discurso. Trata-se do Modelo de Análise Modular, desenvolvido por E. Roulet e sua equipe na Universidade de Genebra.

* Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

O modelo genebrino desenvolveu-se num quadro diferente da análise do discurso de orientação francesa, nascida da convergência do marxismo, da psicanálise e da lingüística¹, e também da lingüística textual alemã, a qual se centra sobre a noção de coerência.

Esse modelo, inicialmente apresentado por Roulet et al.(1985:1-7) como um “modelo pragmático da articulação do discurso”, seria mais um resultado da interseção dos diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa, tais como: (1) a obra de Bakhtin, na qual este afirma ser o objeto da lingüística o discurso enquanto interação verbal e introduz os conceitos de dialogismo e polifonia - indispensáveis para a compreensão da articulação do discurso; (2) a teoria apresentada pelo lingüista americano discípulo de Sapir, Pike, na qual introduz o conceito de estrutura hierárquica - toda forma de comportamento humano pode ser analisada num primeiro nível em um certo número de constituintes ligados por funções específicas e cada um desses constituintes, por sua vez, é analisado em constituintes de nível inferior e assim sucessivamente até se chegar às unidades do comportamento verbal, como o enunciado ou a palavra; (3) as reflexões filosóficas anglo-saxônicas (Austin, Searle, Grice) sobre o ilocutório e o implícito, que contribuem para uma mudança de paradigma nos estudos lingüísticos; (4) as pesquisas sociológicas americanas (Goffman, Sacks e Schegloff) sobre a interação face a face, em particular nas conversações, trazendo grande contribuição para a descrição da articulação do discurso e da compreensão do papel do implícito na interação; (5) as pesquisas sociolingüísticas aplicadas sobre os diversos tipos de conversações autênticas (Sinclair e Coulthard, Stubbs, Labov, Henee e Rehbock), que, integrando as abordagens dos filósofos da linguagem e as dos sociólogos, contribuíram para sistematizar a estrutura dos diálogos e para a formulação de regras de encadeamento e de interpretação dos elementos do discurso; (6) a teoria da

¹ Cf. Maingueneau, 1993.

enunciação de Ducrot e Anscombre, a qual ultrapassou a descrição dos atos de linguagem isolados para estudar o encadeamento dos atos de linguagem no discurso bem como os conectores argumentativos que marcam esses encadeamentos.

Inspirando-se em todos esses trabalhos e influenciada principalmente pela concepção bakhtiniana de discurso como interação verbal, a equipe genebrina se propõe a integrar e a ultrapassar essas diferentes abordagens - que, via de regra, se limitam ao estudo de exemplos fabricados ou de atos isolados e que se voltam apenas quer para o nível lingüístico, quer para o textual, quer para o social -, desenvolvendo uma concepção de discurso como a combinação de informações das dimensões lingüística, textual e situacional e propondo, em versões posteriores do modelo, um instrumento de análise da organização do discurso, que recebe o nome de abordagem modular (Roulet, 1991).

Seu ponto de partida foi o texto da aula inaugural de Bally na Universidade de Genebra, em 1913, em que este apresenta a possibilidade de se observarem as regularidades na maneira como utilizamos a língua na enunciação. Para que se descrevam essas regularidades, Bally, segundo Roulet (2001: 12), “propõe desenvolver, entre as lingüísticas da língua e da fala distinguidas por Saussure, uma lingüística da enunciação (ou estilística), que abre o caminho para uma análise do discurso”.

Suas reflexões mais importantes para o desenvolvimento de uma análise do discurso residem na relativização do papel do lingüístico em relação ao situacional e ao gestual. Para Bally, o discurso não deve ser concebido como uma unidade lingüística, mas como resultado da combinação de informações lingüísticas e de informações situacionais - que incluem os conhecimentos do ambiente cognitivo imediato e as representações de mundo. Dessa forma, aponta-se a necessidade de se considerar, ao lado da lingüística da língua, uma disciplina que se interessa pela articulação entre o lingüístico e o situacional no discurso. Embora tenha tra-

balhado com enunciados isolados ou apenas breves seqüências de enunciados, pode-se encontrar em seu trabalho uma primeira forma de análise do discurso. Suas idéias são retomadas e desenvolvidas mais tarde, nos anos sessenta, por outros estudiosos que defendem a necessidade de se passar da análise do enunciado para a análise da enunciação².

Um deles é Benveniste, cujo trabalho surge como uma primeira abordagem enunciativa da problemática dos tipos de seqüências (narrativa, deliberativa, etc.). Benveniste se propôs a estudar a subjetividade na língua, tomando como ponto de partida o sistema pronominal: “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (Benveniste, 1991: 288), e o sistema verbal. De seu estudo das marcas de subjetividade na língua, o autor introduz a distinção entre dois planos de enunciação: o da história (narrativa de acontecimentos passados) e o do discurso. O primeiro se caracteriza pelo não envolvimento do locutor, já que consiste numa simples apresentação de fatos que aconteceram (no passado) sem a sua intervenção. Já o segundo plano é de ordem inversa: alguém, em determinado momento, em determinado lugar, se dirige a alguém, enunciando-se como locutor e organizando o que diz na categoria de pessoa. O discurso, para Benveniste, se situa no plano da enunciação, por ele definida como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989: 82). O estudo da enunciação, como afirma Muzzi (1999), é o ponto fundamental da reflexão de Benveniste sobre a linguagem. Seu trabalho serviu de base para vários outros e impulsionou os estudos de outras marcas da subjetividade no discurso, como os indicadores de modalidade, de atitude do falante, os índices de avaliação, de distanciamento ou de adesão do locutor ao seu discurso.

² Como lembra Roulet (op.cit.), a obra de Bakhtin, contemporânea da de Bally, será conhecida nos países ocidentais, somente nos anos setenta.

Outra importante contribuição do autor foi considerar o diálogo como condição constitutiva da “pessoa”. Para ele, como lembra Roulet (op.cit.), o diálogo é a estrutura fundamental enquanto o monólogo, apesar da aparência, deve ser colocado como uma variedade sua. Para Benveniste, o sistema lingüístico nasce de uma enunciação e se organiza na e para a enunciação, e “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (Benveniste, 1989: 87, grifo do autor).

Outro teórico cujas reflexões trouxeram grande contribuição aos estudos sobre a enunciação é Bakhtin. Seus escritos, que, embora produzidos nos anos trinta, só foram conhecidos no Ocidente nos anos setenta, tiveram significativa influência sobre os estudos do discurso e do texto. O autor, concebendo a linguagem como fundamentalmente dialógica, desenvolveu uma abordagem interacionista do discurso. Para ele, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (Bakhtin, 1986: 112), o que evidencia ser o traço mais marcante de seu pensamento a “compreensão da interação verbal como um fenômeno essencialmente social” (Costa Val, 1996: 92). E o diálogo – entre interlocutores e entre discursos-, para ele, é condição da linguagem e do discurso. “A *palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função desse interlocutor” (Bakhtin, idem: 112). Ela se determina pelo fato de proceder de alguém assim como pelo fato de se dirigir a alguém. Dessa forma ela é “território comum do locutor e do interlocutor” (ib.:113).

Bakhtin, por considerar a linguagem como atividade social e dialógica, oferece uma importante contribuição para os estudos do discurso. A partir de suas colocações, é que se chega à concepção de língua como atividade composta de três dimensões (ou subsistemas): discursivo, semântico e sintático.

A Lingüística, durante muito tempo, se dedicou ao estudo da língua tomando-a como um fenômeno homogêneo, um produto no qual se deveriam buscar as unidades até a dimensão da sentença. Mas a Lingüística da Enunciação surge, inspirada em Bakhtin e também em Benveniste, em oposição a essa Lingüística do Enunciado, como uma corrente nos estudos da linguagem que considera a língua como uma atividade social, como um processo no qual se manifestam suas condições de produção. Como lembra Castilho (1998: 11), “assim concebida, a língua é um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado”.

Se se entender a linguagem como “mero código”, portanto como um produto acabado, e a compreensão como “decodificação mecânica”, a reflexão sobre as expressões lingüísticas pode ser dispensada. Mas se se entender a linguagem como “uma sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos, a compreensão já não é mera decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo.” (Gerald, 1993: 18)

A observação e a interpretação dos fenômenos lingüísticos deve, então, levar em consideração, além das expressões e do modo como são produzidas, os diversos fatores culturais e contextuais (as relações entre os interlocutores, as imagens que fazem uns dos outros, o contexto histórico-cultural, a situação de comunicação) que contribuem para a sua significação.

Para se trabalhar sobre a linguagem, faz-se necessário considerar não só as regras de construção das expressões lingüísticas utilizadas, de que se ocupa a Sintaxe, ou as de representação da realidade, de que se ocupa a Semântica, mas também as regras que são próprias à produção das conversações ou negociações intersubjetivas, de que se ocupa a Pragmática.

Castilho (op.cit.:12) propõe que, para a apreensão da enunciação, se comece por uma observação intuitiva da língua, tomando-se como ponto de partida a Semântica e a Pragmática, para em seguida se passar para uma “observação mais ‘técnica’ da língua como um enunciado”, constituindo-se a Sintaxe como ponto de chegada. Com essa proposta o autor admite que qualquer língua natural se compõe de três módulos: o discursivo, o semântico e o gramatical.

Enfim, os estudos sobre a enunciação evidenciam que se deve trabalhar sobre a linguagem considerando a língua como um conjunto de subsistemas que se estrutura simultaneamente nas dimensões discursiva, semântica e sintática (ou gramatical). Qualquer fenômeno lingüístico que se quiser observar deve ser focalizado em pelo menos essas três dimensões. A combinação das informações dessas três dimensões é que, segundo uma abordagem modular do discurso, permite a análise global do fenômeno estudado.

1. O modelo de análise modular

O modelo desenvolvido por Roulet (1991, 1995, 1996, 1997, 1999 e 2000) surge como um interessante instrumento de análise por oferecer um quadro teórico e metodológico que permite a compreensão da complexidade e da heterogeneidade das atividades discursivas. Ele se propõe a fornecer um quadro de reflexão e de instrumentos heurísticos próprios para favorecer a descrição da organização de discursos autênticos e não um procedimento mecânico de análise que poderá conduzir, se rigorosamente aplicado, a uma boa descrição do discurso estudado (cf. Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

O modelo procura integrar, num quadro unificado, os componentes lingüístico, textual e situacional³. Como assinala Pires

³ A análise do discurso integra a lingüística da língua como um de seus componentes, ao lado dos componentes textual e situacional. (cf. Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001)

(1997: 27), o modelo de análise modular possibilita distinguir, e não dissociar, o que é distinto; é um modelo “capaz de conciliar as dimensões lingüística, discursiva e situacional de uma forma dinâmica, sem, entretanto, modificar a lógica da organização de cada uma delas”.

Tomando como objeto de estudo o discurso como interação verbal situada em suas dimensões lingüísticas, textuais e situacionais, o modelo permite que se estudem todos os aspectos ligados à interação verbal. Roulet adota a hipótese de que um objeto que possui uma organização bastante complexa pode (e deve) ser decomposto num certo número de sistemas de informações simples e autônomos, que podem, por sua vez, ser descritos num primeiro momento de maneira independente, sem referência a outros sistemas de informações. Ou seja, o autor baseia-se na hipótese de que um objeto complexo como o discurso pode ser analisado adotando-se uma abordagem que permite o tratamento, por exemplo, das estruturas sintática, referencial e hierárquica de um diálogo independentemente umas das outras para, depois, num outro momento, proceder-se à combinação das informações resultantes das análises de cada uma das estruturas.

Assim, nessa abordagem, identificam-se inicialmente os sistemas de informações elementares (subsistemas) ou módulos que entram na composição dos discursos. Postula-se que cada módulo fornece uma descrição do dispositivo de que trata a qual é nocionalmente independente dos outros módulos. Posteriormente, procura-se mostrar como as informações resultantes desses módulos se combinam, se inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso.

O modelo de análise modular parte da hipótese de que cada um dos componentes é constituído de subsistemas de conhecimento independentes (módulos), distribuídos em subconjuntos nas três dimensões: sintático e lexical (dimensão lingüística); hierárquico (dimensão textual); referencial e interacional (dimensão situacional). Esses subsistemas fornecem informações simples que serão combinadas com as extraídas de 7 formas de organização elementares (fonoprosódica ou gráfica, semântica, relacional, informacional,

enunciativa, seqüencial, e operacional), etapas preliminares para que se possa chegar finalmente à descrição de 5 formas de organização complexas (periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica), conforme o esquema abaixo, proposto por Roulet, em Roulet, Filliettaz e Grobet (2001:51).

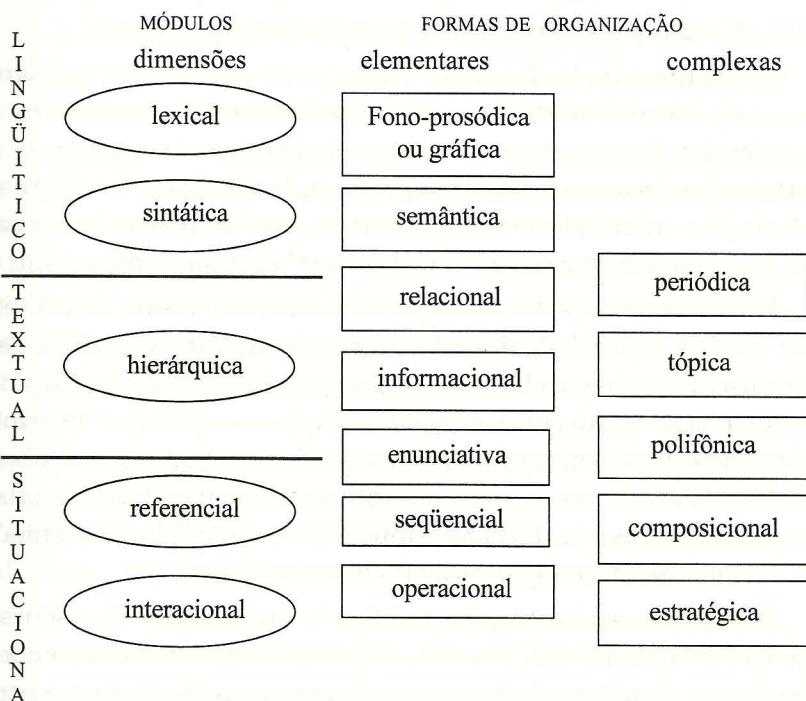


Figura 1: Modelo de análise modular

O dispositivo modular permite passar da descrição das dimensões modulares, as categorias das formas ovais, para a descrição das formas de organização elementares ou complexas, as categorias das formas retangulares. A combinação das informações extraídas de cada uma dessas categorias é assegurada pelas regras de acoplagem (*couplage*). São elas, e não a posição de cada categoria no quadro, que determinam as combinações possíveis dessas informa-

ções. Segundo Roulet (1999a), essas regras, que estão apenas parcialmente descritas, permitem definir os tipos de constituintes discursivos e as formas de organização elementares, as categorias discursivas complexas e as formas de organização complexas e possibilitam que se combinem informações provenientes dos diferentes módulos e/ou informações complexas para que se possa explicar as formas de organização complexas de discursos específicos⁴.

A organização do discurso, então, pode ser descrita passando-se sucessivamente da “descrição das dimensões modulares à descrição das formas de organização elementares, seguindo-se a descrição das formas de organização complexas, antes de abordar o estudo das inter-relações significativas que se podem observar entre as formas de organização complexas” (Roulet, 1999a:148).

Para o autor, a pedra de toque desse modelo “reside na combinação de uma capacidade descritiva (considerando-se a complexidade dos discursos observados) e de uma capacidade explicativa (ligada à formulação de restrições, como por exemplo as regras que determinam as estruturas hierárquicas possíveis)” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001:41). O modelo assim se apóia sobre o movimento dialético constante entre a análise de discursos autênticos e a formulação de hipóteses restritas sobre a organização do discurso. (idem, ib.)

Resumindo, a abordagem modular da organização do discurso hoje concebida por Roulet “implica uma dupla exigência: a) decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de sistemas (ou módulos), reduzidos a informações simples e b) descrever de maneira tão precisa quanto possível a forma como essas informações simples podem ser combinadas para dar conta das diferentes formas de organização dos discursos analisados” (idem: 42).

⁴ Em trabalho mais recente, Roulet esclarece que inicialmente era seu objetivo formular com precisão o maior número possível de regras de *couplage*, mas logo se deu conta de que isso seria prematuro e de que seria necessário, em primeiro lugar, descrever de maneira mais aprofundada as combinações de informações sobre as quais repousam as diferentes formas de organização. (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001)

Assim, cada dimensão pode ser descrita de forma independente e reduzida a seus elementos mais simples, numa primeira fase, chamada de *découplage*, que será completada por uma segunda fase, a de *couplage* das informações obtidas com a descrição das dimensões, permitindo o tratamento da complexidade dos discursos.

Esse modelo de arquitetura “heterárquica”, que autoriza a *couplage* entre todos os módulos e formas de organização, se distingue de outras abordagens do discurso por atribuir lugar central aos módulos sintático, hierárquico e referencial, porque são eles que determinam as estruturas que sustentam o discurso e ainda são os responsáveis pela recursividade do sistema, ou seja, são os que permitem que, com um número finito de informações, se possa descrever uma infinidade de estruturas discursivas (*clauses*, trocas, estruturas conceituais e praxeológicas).

Finalmente, o modelo de análise modular desenvolvido em Genebra se mostra um instrumento bastante geral que, com a ajuda de um número limitado de unidades, relações e princípios gerais, visa poder ser aplicado a todas as formas de discurso possíveis e realizáveis – dialógico e monológico, escrito e oral, espontâneo ou fabricado, literário ou não literário – em línguas naturais.

A abordagem modular, como afirma Roulet (2000) constitui uma hipótese metodológica que promete ser capaz de descrever a complexidade da organização do discurso. O termo *organização*, como assinala Roulet (inéd.), marca a orientação cognitiva do modelo, que passa a integrar as representações e estruturas mentais – conceituais e praxeológicas-, bem como a sua ampliação a outras dimensões e formas de organização do discurso, como a referencial, tópica, polifônica, composicional e estratégica. Mas, ela não deve ser considerada um reflexo de mecanismos psicológicos, do funcionamento do espírito humano. O que o autor propõe, como ressalta, é “construir um modelo que permite simular a complexidade da organização do discurso, em seus componentes lingüístico, textual

e situacional, mas sem pretender dar conta da maneira como nosso espírito trata efetivamente desses componentes” (Roulet, 2000:172). A abordagem modular não se ocupa das operações mentais ligadas à produção ou à interpretação do discurso. Ela consiste na descrição de forma sistemática das propriedades da organização do discurso. Assim, ela não deve ser confundida com os modelos inferenciais, cuja preocupação é a explicitação de percursos interpretativos, nem com os modelos da competência discursiva, que postulam uma ancoragem cognitiva de suas categorias de análise.(Burger et al., inéd.)

2. Apresentação dos módulos e das formas de organização do discurso⁵

Adotar uma metodologia modular implica, inicialmente, isolar e descrever cada sistema de informações simples e nocionalmente independentes, sem referência a outros sistemas de informações, e, posteriormente, descrever como essas informações podem ser combinadas entre si, permitindo a análise da complexidade da organização do discurso. Numa abordagem transversal e não-reducionista das produções discursivas, não existe uma ordem preferencial no tratamento dos diferentes aspectos do discurso. Em função do material analisado e dos objetivos do analista é que se pode escolher uma ordem a ser seguida, visando-se à integração dos componentes analisados para que se possa dar conta da complexidade discursiva.

Os sistemas de informações de base são os módulos: o referencial e interacional, que têm origem no componente situacional, o hierárquico, que provém do componente textual, e os módulos sintático e lexical, que se originam no componente lingüístico.

⁵ Com base em Roulet (1999) e Roulet, Fillietaz e Grobet (2001).

O módulo referencial pode ser definido como o componente do modelo modular que estuda os elos que o discurso mantém com o mundo no qual ele é produzido, bem como as relações que o ligam com o(s) mundo(s) que ele representa. Segundo Roulet (1996), numa concepção cognitivista do referencial, esses mundos podem ser analisados em termos de representações mentais ligadas às ações, aos conceitos e aos agentes implicados no discurso. O módulo referencial visa assim dar conta, de um lado, das ações linguageiras e não linguageiras que são realizadas ou designadas pelos locutores e, de outro lado, dos conceitos implicados em tais ações. Como essas ações e esses conceitos são parcialmente regulados por expectativas tipificantes e negociadas em situação comunicativa, este módulo descreve não só as representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais) subjacentes ao discurso⁶, mas também as estruturas ou configurações emergentes (praxeológicas e conceituais) que resultam de realidades discursivas particulares (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

O módulo interacional trata da materialidade da interação, que se distingue de outras informações situacionais, textuais ou lingüísticas constitutivas dos discursos. Segundo Roulet (1999:33), o módulo interacional define “as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que ele representa: canal escrito ou oral, alternância de turnos de fala ou de escritura, número de interactantes, co-presença ou distância espaço-temporal entre estes, reciprocidade ou não da comunicação”. O papel deste módulo é delimitar os níveis de interação e es-

⁶ As representações praxeológicas ativadas na mente dos interlocutores são independentes de uma interação particular. Ou seja, elas podem explicitar um conjunto de características reconhecidas a um objeto independentemente da prática em que esse objeto é implicado. As representações conceituais, à imagem das representações praxeológicas, não procuram reter o conjunto de propriedades que possam afetar uma entidade conceitual num contexto particular, mas somente um subconjunto de propriedades que se distinguem por seu forte grau de tipicidade (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

pecificar suas características. As informações interacionais, descritas no quadro interacional, são interessantes para o estudo dos outros componentes do modelo de análise na medida em que se pode estabelecer correlações entre os dados interacionais e, por exemplo, a maior ou menor presença de conectores ou a maior ou menor frequência de traços tópicos no texto. Ao analisar um texto filosófico de Ricoeur, Roulet (1999:143-162) observa uma correlação entre o seu quadro interacional e a sua organização informacional. A frequência dos traços tópicos, que favorece a construção de sentido do texto pelo leitor, se correlaciona ao caráter monogerado da interação, à distância espaço-temporal e à não reciprocidade da comunicação.

O módulo hierárquico define os constituintes de base da estrutura do texto bem como as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis. Nele se estruturam os constituintes discursivos em três diferentes níveis de análise: trocas, intervenções e atos. A esses constituintes se aplicam as operações próprias dos outros módulos de ordem discursiva. A estrutura hierárquica textual é considerada o resultado de um processo de negociação subjacente a toda interação. A hipótese defendida é que toda atividade linguageira constitui um processo de negociação entre os interactantes, que se estabelece em pelo menos três fases: uma proposição, que desencadeia uma reação, que por sua vez desencadeia uma ratificação. Para Roulet (1999, 2001a), o desenvolvimento e/ou conclusão desse processo se ligam às restrições de completude monológica – exigência de que cada fase do processo seja formulada de forma clara e completa para que se possa dar prosseguimento à negociação - e dialógica – exigência de alcance do “duplo acordo”⁷, que determina o fechamento de toda a negociação. A noção de negociação permite que se compreenda o princípio da recursividade, que determina a possibilida-

⁷ Formulado em Roulet et al. (1985).

de de construir uma infinidade de discursos com um número reduzido de constituintes.

As estruturas hierárquicas correspondem a hipóteses interpretativas da forma de negociação presente no texto analisado. Um texto como, por exemplo, os que, em sua forma exterior, não se configuram explicitamente como dialogais, já que não são produzidos por dois interlocutores, nem apresentam dois enunciadores principais (Roulet et al., 1985)⁸, corresponde a uma fase de reação e se realiza sob a forma de uma intervenção. Assim, pode ser analisado como uma intervenção complexa e, portanto, composta por outras intervenções, que por sua vez se compõem por atos seguidos de uma nova intervenção ou por outras intervenções, etc., cumprindo-se a exigência de se chegar à completude monológica.

A estrutura hierárquica possibilita, então, a visualização das hierarquias e relações existentes entre os constituintes, sendo assim considerada uma ferramenta preciosa para a descrição do discurso. Ela descreve os três tipos de relações existentes entre os constituintes do texto, a saber: de dependência (uma troca, uma intervenção ou um ato são subordinados, portanto podem ser suprimidos do texto sem comprometer sua estrutura global, quando têm sua presença ligada à presença de uma intervenção ou um ato principal, ou seja, um constituinte obrigatório e responsável pelo sentido da intervenção); independência (a presença de um constituinte independe da de outro, como é o caso das intervenções ou atos coordenados); e interdependência (um constituinte não pode existir sem o outro, como, por exemplo, uma intervenção de resposta que tem sua existência dependente da de uma intervenção de pergunta e vice-versa).

A estrutura hierárquica, concebida não como uma combinatória formal, mas como uma possível hipótese interpretativa

⁸ Pode ser o caso de um editorial, um artigo científico ou um texto acadêmico escrito, por exemplo.

do processo de negociação subjacente a toda troca linguageira, é um instrumento heurístico bastante eficaz para a descrição dessa negociação, na medida em que ela define claramente os constituintes e as relações que se estabelecem entre eles nos diferentes níveis de análise, as relações discursivas, as estratégias de estruturação do discurso, etc.

Os módulos lingüísticos consideram as dimensões do discurso que têm sido tradicionalmente descritos pelos estudiosos da língua e que são, dessa forma, bastante conhecidos. O módulo sintático consiste num conjunto de regras que determinam as categorias e construções de proposições em uso numa língua ou variedade de uma língua. O lexical consiste num dicionário em que são definidos a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramáticas e os sentidos das palavras de diferentes variedades da língua. Nesse módulo são indicados os sentidos conceituais dos lexemas que contenham um conteúdo referencial, como os nomes, por exemplo, bem como os sentidos procedurais de formas como as dêiticas e os conectores, que oferecem instruções sobre as informações que devem ser recuperadas para a interpretação do discurso.

As formas de organização do discurso consistem em sistemas de informações complexas uma vez que derivam do estabelecimento de relações entre os sistemas de informações elementares. As formas de organização elementares resultam da combinação das informações fornecidas pela análise dos vários módulos enquanto as formas de organização complexas resultam da acoplagem das informações extraídas das análises dos módulos e/ou das outras formas de organização.

A forma de organização fono-prosódica ou gráfica se estabelece com a combinação de informações oferecidas pelo módulo sintático e pelo lexical – que esclarece sobre as representações fonéticas ou ortográficas dos lexemas.

A organização semântica deriva da combinação de informações fornecidas pela sintaxe e pelo léxico. Ela descreve as repre-

sentações semânticas ou formas lógicas das proposições, que constituem uma das entradas dos processos inferenciais.

A forma de organização relacional resulta da combinação de informações de origem hierárquica, referencial e sintática. Ela trata das relações ilocucionárias e interativas que há entre os constituintes do texto, definidos na estrutura hierárquica, e as informações presentes na memória discursiva⁹, definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (Berrendonner, 1983:230). As relações ilocucionárias, iniciativas ou reativas, são as que se dão no nível dos constituintes de uma troca e as interativas, no nível dos constituintes das intervenções. Estas últimas costumam ser marcadas pelos conectores, os quais, assim como os marcadores do tipo “por favor” ou “com licença”, por exemplo, que são indicadores da função ilocucionária de um pedido, dão instruções sobre as informações necessárias para a interpretação das relações de discurso.

A descrição da organização relacional é construída a partir da acoplagem entre as informações obtidas com a análise da dimensão hierárquica, relativas à definição dos constituintes textuais, e as informações, de ordem lexical e sintática, relativas às instruções dadas pelos conectores. Na ausência destes, descreve-se a organização relacional a partir da acoplagem entre as informações de natureza hierárquica e as de natureza referencial.

Para descrição da organização relacional, é utilizado um número restrito de relações genéricas¹⁰ que, embora encubram as

⁹ Berrendonner (1983) mostrou que os conectores, como os anafóricos, se encadeiam freqüentemente nas informações que não aparecem no texto, que estão estocadas na memória discursiva. (cf. Roulet, 1999 :74) Essas informações da memória discursiva têm sua fonte ou no constituinte anterior ou no ambiente cognitivo imediato ou então nos conhecimentos enciclopédicos dos interactantes.

¹⁰ A proposta de utilização de relações genéricas, apresentada nos últimos trabalhos de Roulet, tem a vantagem de evitar “o duplo perigo das taxonomias *a priori* de relações”, que se aplicam apenas ao discurso monológico, não respondendo assim às necessidades da análise das interações cotidianas, e da proliferação de relações de discurso estabelecidas a partir da observação de diversos tipos de discursos, também monológicos, como a da Rethorical Structure Theory (Roulet, 2001b).

nuances mais finas, são suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialógico quanto monológico. Para as relações ilocucionárias iniciativas, são utilizadas as categorias genéricas de pergunta, pedido, informação ou asserção, e para as reativas, as categorias de resposta e ratificação. A noção de argumento, por exemplo, é utilizada para recobrir as relações interativas denominadas de causa, explicação, justificação, conseqüência, condição, etc.

A descrição das relações genéricas fornece uma esquematização através da qual se situam as relações ilocucionárias e interativas entre os constituintes discursivos e as informações estocadas na memória discursiva. Dessa esquematização podem-se extrair informações que poderão ser combinadas com as extraídas das representações de outras formas de organização. Num momento posterior à análise das relações genéricas, visando-se ao tratamento de um enunciado em particular, procede-se à descrição das relações discursivas específicas com a aplicação de um princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades lingüísticas e contextuais desse enunciado.

A análise da organização relacional dos textos é feita, então, em duas etapas. Descrevem-se as relações discursivas genéricas, com base nas propriedades estruturais dos conectores e em seguida, as relações específicas entre um constituinte e uma informação da memória discursiva, com base nas propriedades inferenciais dos conectores, que oferecem instruções sobre como tratar as informações por eles conectadas e sobre as implicações contextuais inferíveis dos segmentos lingüísticos em que se encontram. A presença de um conector num segmento lingüístico permite ao interlocutor/leitor precisar o estatuto discursivo do constituinte por ele introduzido e, ainda, guia-o na constituição do contexto de interpretação.

Essa forma de organização merece atenção do analista uma vez que as informações dela extraídas serão combinadas com informações de outra natureza, possibilitando as análises de todas as formas de organização complexas discurso.

A forma de organização informacional trata da continuidade tópica (ou temática) bem como da progressão das informações que são ativadas no texto ou no diálogo. A continuidade tópica – explícita ou implícita - diz respeito ao “fio do texto”, à sua unidade e manutenção temática. A progressão informacional se refere ao encadeamento das informações no discurso. A análise dessa forma de organização se fundamenta nas informações provenientes das dimensões hierárquica (para a unidade do ato), lingüística (para o estudo dos traços de ponto de ancoragem) e referencial (para os mecanismos de inferência que entram em jogo na procura pelos pontos de ancoragem) (Grobet, 1999: 410).

O estudo da organização informacional visa tratar dos encadeamentos entre os constituintes textuais e as informações previamente introduzidas na memória discursiva pelo cotexto ou pelo contexto. Com a identificação, em cada ato, dos pontos de ancoragem nos quais se encadeiam os constituintes discursivos, passa-se à descrição das diferentes formas de progressão informacional¹¹ que são extraídas da sucessão desses atos no discurso. Ou seja, a partir do reconhecimento e da explicitação do tópico (ou o ponto de ancoragem imediato) de cada ato - que pode estar marcado por uma expressão anafórica ou dêitica ou pode estar implícito, devendo nesse caso ser recuperado a partir da informação ativada pelo ato imediatamente precedente ou pelo contexto de enunciação ou até mesmo a partir de uma informação mais distante, porém acessível -, pode-se determinar os tipos de progressão informacional, a fim de dar conta do encadeamento entre as informações ativadas sucessivamente no

¹¹ Os modos de encadeamento considerados pelo modelo genebrino, expostos em Roulet (1996, 1999) e Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), são a *progressão* ou o *encadeamento linear*, quando o tópico é resultante de uma informação que acaba de ser ativada, a *progressão* ou o *encadeamento com tópico constante*, quando os atos sucessivos se encadeiam num mesmo tópico, e o *encadeamento à distância*, descrito como uma variante da progressão linear, que ocorre quando o tópico retoma um propósito introduzido em atos anteriores, e não no imediatamente precedente.

discurso. A descrição da organização informacional constitui a base para a análise da organização tópica.

A forma de organização enunciativa trata dos fragmentos de discurso produzidos e representados pelo locutor/escritor nos diferentes níveis que constituem uma intervenção. Ela resulta da combinação de informações de ordem interacional, uma vez que as noções de discurso produzido e representado se referem ao quadro interacional do discurso, de ordem lingüística, caso os discursos representados sejam marcados – por verbos de fala, dois pontos, aspas, dêiticos, etc. - e referencial, caso não sejam.

Os discursos produzidos são os enunciados pelos locutores/escritores que ocupam o nível mais externo no quadro interacional. Já os representados, que podem ser designados (por um verbo ou sintagma nominal), formulados (representação direta, indireta ou indireta livre) ou ainda implícitos, são enunciados pelos locutores/escritores que ocupam os níveis mais internos da interação. Por exemplo, num diálogo romanesco, distinguem-se pelos menos duas situações de interação encaixadas. Num nível mais externo, o escritor/narrador interage com o leitor/destinatário, enquanto os personagens interagem entre si no nível interno. Assim, no discurso produzido pelo narrador são representados os discursos dos personagens, interlocutores do diálogo. A essas distinções aqui apresentadas se acrescentam outras, como a diafonia (a reprodução da voz do interlocutor) e a polifonia (a reprodução de outras vozes). Além do modo como as vozes do outro vêm incorporadas no discurso, são também importantes as distinções entre os discursos representados efetivos e os potenciais, que são antecipados ou retrucados antes de serem efetivamente produzidos. A análise da organização enunciativa, que distingue os discursos produzidos e representados bem como a sua origem, representa a primeira etapa da análise da organização polifônica.

A forma de organização seqüencial se ocupa da definição e da distinção, no discurso, dos tipos discursivos (narração, descrição,

deliberação) que se distribuem num número restrito de categorias. Ela se fundamenta na acoplagem de informações de origem referencial, visto que os locutores dispõem, de uma maneira ou de outra, de recursos psicológicos específicos a partir dos quais interpretam e produzem seqüências discursivas particulares, e de origem hierárquica, uma vez que as configurações textuais nas quais se encarnam permitem a delimitação das três categorias que, neste modelo de análise, são a base de uma tipologia discursiva.

A organização operacional permite integrar as descrições das dimensões verbal e acional do discurso. Ela permite a descrição da combinação das falas e dos gestos que constituem uma determinada interação. Ela resulta da acoplagem das informações que provêm dos módulos hierárquico (para a estrutura das trocas) e referencial (para a estrutura das ações). O estudo dessa forma de organização deve permitir não só descrever numa relação de equivalência os processos praxeológicos e os mecanismos comunicacionais que os mediatizam, mas ainda especificar como as fontes comunicacionais ligadas à interpretação se imbricam na estruturação das ações.

A forma de organização complexa periódica trata da pontuação do discurso oral ou escrito. Ela é considerada complexa uma vez que se estabelece com a combinação de informações resultantes do módulo hierárquico (para a estrutura de trocas e intervenções), da organização fono-prosódica ou gráfica (para a delimitação das unidades e dos movimentos periódicos¹²), do módulo interacional (para a alternância dos turnos de fala, a sobreposição de vozes, os reguladores e a coenunciação), do módulo referencial (para a mudança de orientação da atividade). Segundo Villela (2003), a organização periódica deve ainda

¹² A unidade (ou ato periódico) pode ser definida como formada por ao menos uma unidade hierárquica apresentada por sua pontuação não terminal (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, parênteses) como coesiva, distinta e não autônoma. O movimento periódico pode ser definido como formado por ao menos uma unidade hierárquica apresentada por sua pontuação terminal (ponto, ponto de interrogação, de exclamação, reticências) como distinta e autônoma.

se inter-relacionar com a organização relacional na medida em que os conectores pragmáticos atuam também na forma de processamento das informações marcada pela pontuação periódica.

A organização tópica resulta da acoplagem de informações extraídas das análises dos módulos hierárquico, referencial e lingüísticos bem como das formas de organização informacional e relacional. O estudo da organização tópica visa desenvolver a análise estática da organização informacional, completando-a com a análise dinâmica da maneira como os interlocutores geram a escolha e o encadeamento dos objetos de discurso no desenvolvimento da interação. Ou seja, pretende-se nesse estudo dar conta da hierarquia, do encadeamento, da continuidade informacional e ainda das relações de derivação existentes entre os objetos de discurso que são ativados no texto, assim como se pretende explicar a gestão desses objetos de discurso no desenvolvimento das interações. A gestão dinâmica dos objetos de discurso pelos interlocutores no desenvolvimento do discurso evidencia o desenvolvimento do processo de negociação subjacente a essa atividade discursiva.

A forma de organização complexa composicional trata das formas e funções das seqüências típicas já descritas na análise da organização seqüencial. A partir de uma tipologia de discursos e de uma análise seqüencial, foi possível identificar os segmentos textuais distintos que compõem as produções discursivas e que são a base de sua heterogeneidade composicional. Objetiva-se neste momento a descrição das propriedades formais, cotextuais e contextuais dessas seqüências discursivas. Para tanto, procede-se à combinação das informações provenientes das análises dos módulos hierárquico, referencial e lingüísticos e também das formas de organização seqüencial e relacional.

A forma de organização polifônica visa descrever as funções dos segmentos de discurso produzidos e representados, reconhecidos na análise da organização enunciativa, na composição do discurso. Nessa organização complexa, mostram-se as funções das diferentes vozes

no discurso por meio da inter-relação de informações de natureza bastante diversas, visto que são provenientes dos módulos hierárquico, lingüísticos, interacional e referencial e das formas de organização relacional, tópica, composicional e até mesmo periódica.

Finalmente, a forma de organização estratégica visa explicar as relações de faces e de lugares entre os interactantes. Ela resulta da acoplagem de informações de origem lingüística, referencial, interacional, hierárquica, relacional e tópica. O estudo dessa forma de organização objetiva descrever a maneira como o escritor ou os interlocutores gerenciam as relações de faces e de lugares no discurso. A face positiva é a imagem de si que cada interactante tenta oferecer aos outros; a face negativa corresponde ao território ou domínio de cada um. Para evitar ameaças às suas faces numa interação, os interlocutores desenvolvem estratégias ou processos de figuração, fazendo uso de mecanismos de figuração que surgem no cuidado de se evitar a ativação de certos objetos de discurso, que podem ser fontes de problemas, e de se tratar os objetos de discurso abor-dados. As relações de lugar são as relações verticais, isto é, referentes à dominação relativa que varia na e pela interação, sendo construída no seu desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Neste artigo, procurei apresentar o modelo de análise do discurso genebrino, no estágio em que se encontra atualmente, para, assim, difundir essa abordagem da organização do discurso no Brasil. Este modelo já fundamentou, teórica e metodologicamente, teses de mestrado e doutorado, e contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento de pesquisas sobre as estratégias discursivas na interação entre adolescentes (Pires, 1997), o funcionamento discursivo do item “onde” (Marinho 2002), as retomadas diafônicas no discurso jurídico (Daconti, 2002), a interação através de trocas epistolares (Vilella, 2003) e as múltiplas vozes presentes nas narrativas da Amazônia paraense (Soares, 2003). Ele continua inspiran-

do trabalhos de pesquisa, não só de doutorandos, mas também de professores de pós-graduação, justamente por ser um instrumento que possibilita uma abordagem discursiva que articula, estreitamente, os planos lingüístico, textual e situacional, de forma transversal e não-reducionista.

RÉSUMÉ: *Cet article présente le modèle modulaire d'analyse du discours, dans son stage de développement actuel vers le but de diffuser cette approche de l'organisation du discours au Brésil. Il s'agit d'un efficace instrument d'analyse, qui articule les plans linguistique, textuel et situationnel, d'une manière transversale et non réductionniste.*

MOTS-CLÉ: *analyse du discours, modularité, interaction, organisation discursive*

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. (1986) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ª ed. trad. M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1989) *Problemas de Lingüística Geral II*. trad. E. Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1991) *Problemas de Lingüística Geral I*. 3ª ed. trad. M. G. Novak e M. Luiza Néri. Campinas, SP: Pontes.
- BURGER, M. et al. (iné.) La mise en forme du "brouillage" dans *Le Libera* de Robert Pinget. (version provisoire)
- CASTILHO, Ataliba de. (1998) *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, Patrick. (1996) Prefácio. In: CARNEIRO, A. D. *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor. p.3-4.
- COSTA VAL, Maria da Graça (1996) *Entre a oralidade e a escrita: o desenvolvimento da representação de discurso narrativo escrito em crianças em fase de alfabetização*. Tese de Doutorado - FAE/UFMG, Belo Horizonte.
- DACONTI, Geruza Correa. *Reconstrução da racionalidade jurídica: retomadas diafônicas no discurso processual civil*. 2002. Dissertação de Mestrado. FAE/UFMG, Belo Horizonte.

- GERALDI, João W. (1993) *Portos de Passagem*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes.
- GROBET, Anne. (1999) L'organisation informationnelle du discours dialogique: la thématization comme phénomène d'ancrage. In : GUIMIE, C. (éd.) *La thématization dans les langues*. Berne : Lang. p.405-420.
- _____. (2000) *L'identification des topiques dans les dialogues*. Thèse de Doctorat. Université de Genève.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1993) *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2ª ed. trad. Leda Indursky. Campinas, SP: Pontes.
- MARINHO, Janice Helena Chaves. (2002) *O funcionamento Discursivo do Item "Onde": uma abordagem modular*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, Belo Horizonte.
- MUZZI, Eliana S. (1999) Do enunciado à enunciação: Benveniste. In: MARI, Hugo et al. (org.). *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges.p.201-210.
- PIRES, Maria Sueli O. (1997) *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo : Arte e Ciência./UNIP.
- ROULET, Eddy et al. (1985) *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang.
- ROULET, Eddy. (1991) Vers une approche modulaire de l'analyse du discours. *Cahiers de Linguistique Française*. n.12. p.53-81.
- _____. (1995). Vers une approche modulaire de l'analyse de l'interaction verbale. In: VÉRONIQUE, Daniel & VION, Robert (ed.). *Modèles de l'interaction verbale*. Publications de l'Université de Provence.
- _____. (1996) Une description modulaire de l'organisation topicale d'un fragment d'entretien. *Cahiers de Linguistique Française*. n. 18.p.11-32.
- _____. (1997) A modular approach to discourse structures. *Pragmatics*. Vol.7, n.2. jun.p.125-146.
- _____. (1999) *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris : Didier.
- _____. (1999a) Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. trad. Sueli Pires. In: MARI, Hugo et al. (org.). *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges. p.139-171.
- _____.(2000) Une approche modulaire de la complexité de l'organisation du discours. In : ADAM & NOLKE (éds). *Approches modulaires: de la langue au discours*. Lausanne : Delachaux & Niestlé. p.187-257.

- _____. (2001) De la linguistique de la langue à l'analyse du discours. In: ROULET E., FILLIETTAZ, L. & GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang. p. 11-26.
- _____. (2001a) La dimension hiérarchique. In: ROULET E., FILLIETTAZ, L. & GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang. p. 53-95.
- _____. (2001b) De la nécessité de distinguer des relations de discours sémantiques, textuelles et praxéologiques. Colloque international de l'Université d'Aarhus. Mai.
- _____. (inééd. a) Le problème de la définition des unités à la frontière entre le syntaxique et le textuel. *Verbum*.
- ROULET E., FILLIETTAZ, L. & GROBET, A. (2001) *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang.
- SOARES, Isabel Cristina R. (2003) *As narrativas orais populares da Amazônia paraense: vozes múltiplas que contam as histórias do povo*. Tese de Doutorado. FALE – UFPA/ UFMG, Belo Horizonte.
- VILLELA, Ana Maria Nápoles. (2003) *O Caráter interacional da segmentação periódica de uma troca epistolar entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, Belo Horizonte.